Antropología, turismo e invasâos das periferias

Anthropology, Tourism and invasion of the suburbs

Francisco Martins Ramos
Universidade de Évora (Portugal)
framos@uevora.pt

Resumen

O autor aborda neste texto a problemática da pesquisa antropológica sobre a temática turística na região portuguesa do Alentejo, tendo em consideração o envolvimento tardio dos antropólogos face ao desenvolvimento turístico das últimas décadas. Considera ainda que o papel dos antropólogos, não sendo único, é determinante para a abordagem cultural do fenómeno turístico em zonas geográficas periféricas. Fazer "antropologia em casa" é, hoje, um desafio que se considera correcto e justo, mediante a utilização da metodologia adequada.

Abstract

The author of this text discusses the problems of anthropological research on the topic tourism in the Portuguese region of Alentejo, in consideration of the late involvement of anthropologists in relation to tourism development in decades. It considers that the role of anthropologists, is not unique, it is crucial to the cultural approach to tourism phenomenon in outlying areas. Doing anthropology at home "is today a challenge that is considered right and just, through the use of appropriate methodology.

Palabras clave

Antropologia Regional. Turismo. Alentejo. Periferias.

Key Words

Regional Anthropology. Tourism. Alentejo. Peripheries.

***

O terreno alentejano não tem merecido muita atenção por parte dos antropólogos (portugueses ou estrangeiros), talvez porque a terra é inóspita, os homens são fechados e a natureza é agreste. À semelhança do que Joaquim Pais de Brito considera ser o "*efeito Rio de Onor*", presumo eu que o "*efeito*

Jorge Dias" também deve ter contribuído para uma procura de comunidades "igualitárias" do norte de Portugal, tendência apenas quebrada pelo trabalho pioneiro, em 1963-65, de José Cutileiro (1977) em Vila Velha, ao aproximar-se do espaço cultural "mediterrânico" português.

A dicotomia norte/sul que o rio Tejo delimita geograficamente, marca também uma fronteira cultural que a própria linguagem das anedotas e das alcunhas traduz socialmente, a uma escala tão significativa como a da dualidade nós/outros. Esta linha imaginária não é apenas portuguesa já que ela separa, a nível planetário e europeu povos, países e regiões. No interior de cada país, os exemplos são vários: lembremo-nos das rivalidades, competições, ou simples diferenças entre o norte e o sul de França, da Alemanha, da Itália e da Espanha.

Sara Delamont, ao abordar a temática da alimentação, dos apetites e da identidade, coloca a questão, a nível da Europa Ocidental, nos seguintes termos:

> "*A grande divisão na Europa Comunitária é entre os que vivem demasiado ao norte para verem limoeiros em flor ou para colherem laranjas na berma da estrada, e aqueles para quem os citrinos são vulgares*" (Delamont 1995: 19).

A dualidade anfitrião/turista coloca-se, também, ao nível do antropólogo que se dispõe a fazer trabalho de campo numa comunidade que desconhece, necessitando de ser incorporado e aceite, através de um processo de integração por vezes penoso e moroso. Brian O´Neill considera que um exame atento das ideias de Pitt-Rivers sobre o tema da hospitalidade mediterrânica desperta-nos a curiosidade por várias razões.

> "*Primeiro, do ponto de vista etnológico, o autor erige a um nível analítico - talvez pela primeira vez na literatura antropológica - o elo da hospitalidade estabelecido entre um forasteiro e os seus anfitriões*" (O´Neill 1991: 66).

Para este autor, um segundo nível de utilidade do texto de Pitt-Rivers releva o facto de ser na Europa que uma série de figuras destacadas na memória ocidental se cruzam: o viajante, o descobridor, o diplomata, o mercador, o turista, para além do mendigo, do agrónomo, do técnico agrícola, do sociólogo e do antropólogo.

E quando o antropólogo estuda a sua própria sociedade? Nos primórdios da Antropologia, mesmo durante o século xx, existia a convicção

de que o investigador social se deveria distanciar geográfica e socialmente do seu objecto de estudo, quando pesquisava, na sua aldeia, vila ou região. As coisas mudaram e nesse sentido subscrevo a posição de Javier Marcos Arévalo: "Mi posición al respecto es la del *compromiso con la realidad social estudiada*, a la que pertenezco por nacimiento, elección, inserción sociolaboral e integración sociocultural, y no solo la de investigarla asépticamente. La pertenencia y el compromiso del antropólogo con la sociedad que estudia se convierten en la prática en una cuestión decisiva a la hora de plantear-se la aplicación del conocimiento adquirido por él mismo sobre la realidad estudiada…" (Marcos Arévalo 2010: 1040). Mais adiante, o mesmo autor afirma peremptório: "De manera que asumo *la antropologia* como *fuente de conocimiento aplicado e implicado* con la *realidad estudiada*" (Marcos Arévalo 2010: 1041). Dito de outro modo: Fazer antropologia em casa não tem mais desvantagens do que fazer lá longe e, em suma, estudar o outro é estudar-nos a nós próprios. Por outro lado, é sempre possível encontrar o "outro" na nossa própria sociedade.

Dou aqui o meu testemunho pessoal, aquando da realização de trabalho de campo em Vila Velha:

> "*7 de Março de 1988 - Ontem à noite tive um sonho estranho: sonhei que era mendigo em Vila Velha... vivia andrajoso e pedinte, deambulando pelas ruas desertas da vila.*
>
> *Barba comprida, cabelos desgrenhados ao vento, velho e cansado, tinha medo de me aproximar das pessoas. Por outro lado, ninguém se aproximava de mim e era tratado como um leproso ou como um cão vadio a escorraçar. Tolerava-se a minha presença discreta e rápida, mas era preciso que me mantivesse à distância, isolado, silencioso e longínquo.*
>
> *De dia percorria as fragas do Guadiana, à procura de alimentos, de frutos selvagens, de restos deixados pelos caçadores urbanos, de água e peixes. Dormia ao "Deus dará", em abrigos inventados nos fortins das muralhas. Nas noites de inverno fazia fogueiras para me aquecer. Quem passava junto dos meus pousos temporários evitava-me sempre. As mulheres fugiam de mim temerosas, as crianças apedrejavam-me em algazarra barulhenta e os homens olhavam-me de soslaio, com raiva e murmúrios.*

Nos dias de verão, a Natureza era minha companheira preferida: sabia adivinhar o voo das aves, os trilhos das raposas e a presença dos javalis; fruía a sombra dos canaviais e o luar prateado das noites estivais de recordações indeléveis da minha própria infância.

Três indivíduos acercavam-se, clandestinamente, de mim. De tempos a tempos, eles preocupavam-se com a minha alimentação e conforto de maltês estigmatizado. Eram, exactamente, três homens da freguesia, misto de atrasados mentais e simplórios, considerados ´parvos` na terminologia local" (Ramos 1992a: 294).

"Tratava-se de José Ferreira, celibatário de 65 anos (entretanto falecido em 1994), homem de ofícios que ninguém queria desempenhar, analfabeto, simplório, alvo de chacota pública que, no círculo masculino da taberna, supostamente se embebedava com dois copos de laranjada, para gáudio do espírito folgazão dos espectadores rurais. Era ainda Balixa, atrasado mental, reformado por doença, que habitava com a mãe, no arrabalde, moço só de recados simples. E por fim, Raúl, epiléptico, bôbo na praça pública, motivo de escárnio da algazarra infantil, Quasimodo local, seguidor mecânico de procissões e outras festas, perseguidor paciente do homem dos foguetes em dias festivos, maestro improvisado quando a filarmónica concelhia vinha tocar à terra.

Na vida real mantinha com eles relações de certo convívio e alguma amizade: José Ferreira oferecera-me melões da sua seara, procurava-me, de vez em quando, para me ditar para o gravador, quadras incompletas da sua juventude; Balixa trouxera-me, a troco de um sobretudo, algumas `feixinas´ de estevas de odor inconfundível para a minha lareira de inverno, acompanhava-me a tomar café e fazia questão em pagar a despesa, sempre que nos seus bolsos cheios de cotão tilintavam alguns escudos; Raúl cumprimentava-me com deferência exemplar e, quando nos cruzávamos na rua, murmurava sempre palavras incompreensíveis, mas de aliado" (Ramos 1995: 17).

No sonho, "*traziam-me roupa, conforto, comida, cigarros e palavras de circunstância... Este sonho marcou profundamente a minha perspectiva sobre a integração do etnólogo na comunidade que estuda*" (Ramos 1994: 103). Com efeito, está à vista uma preocupação latente no meu espírito, que se prendia com a necessidade de me sentir integrado, a angústia da insegurança, a hibridez de 'ser de fora e querer ser da terra', a neutralidade

cinzenta do espaço que percorria, o medo de não ser aceite pela população 'normal'. De facto, um 'marginal' (forasteiro) como eu, só era aceite (no sonho) pelos 'marginais' da comunidade. Tinha com eles uma relação positiva, porque seres da mesma espécie e, com a população 'normal' tinha uma relação negativa.

A coincidência de o sonho me atribuir o papel de mendigo fez-me reflectir sobre os textos de Pitt-Rivers e Brian O´Neill sobre a hospitalidade mediterrânica e nos considerandos psicanalíticos clássicos de Freud e Jung. O sonho terá funcionado como a tradução do desejo inconsciente do sonhador e como despertador. A partir dele, não mais deixei de me interrogar: Já estou integrado? Já sou como eles? Ainda sou um estranho? Será que os outros antropólogos terão experimentado as mesmas incertezas, angústias e frustrações, no labirinto da dúvida que é o trabalho de campo do engajamento absoluto?

Pois é justamente sobre esse outro estranho que é o turista, que gostaria, agora, de tecer algumas considerações. O Turismo é, juntamente com o processo migratório, o grande veículo actual do contacto de culturas, o instrumento privilegiado das relações interpessoais, o elo potenciador da ligação com estranhos, forasteiros, hóspedes e estrangeiros. O Turismo incorpora o estranho, acelera a integração, acultura o nativo e o forasteiro, define e fomenta sincretismos.

Para Boissevain (1994), a Europa da Economia e do Poder Político tem um centro forte e uma periferia marginal. Se o seu núcleo próspero se localiza no Ruhr, a sua periferia subdesenvolvida é banhada pelo Mediterrâneo. Para Sara Delamont (1995) existe uma franja periférica atlântica formada por Portugal e pela Galiza. Para alguns autores, para além da distância geográfica, o critério adequado para definir periferia é o demográfico: perda de população devida à (e)migração e as respectivas consequências, do conhecimento comum e que me abstenho de listar. Se Portugal é periférico no seu todo, o Alentejo é duplamente periférico. Não por distância geográfica, mas por negligência. Todavia, os habitantes das regiões periféricas consideram-se cidadãos.

A grande periferia rural que é o Alentejo tem vindo, recentemente de maneira mais intensa, a ver-se confrontada com o fenómeno urbano da invasão turística. Não vou enfatizar a fatalidade, necessidade e vantagens da actividade turística por demais conhecidas: lazer, divertimento, descanso, fuga ao *stress* urbano, recusa da monotonia do quotidiano, procura do

exótico, actividade económica lucrativa, geradora de riqueza e postos de trabalho. Mas gostaria de tecer alguns comentários sobre uma mão cheia de aspectos negativos que o turismo tem vindo e poderá vir a transportar para a periferia em causa. Tais comentários baseiam-se nas conclusões de um estudo sobre o tema, localizado numa vila de traça medieval, realizado sob os auspícios da então entidade financiadora da investigação em Portugal (JNICT), comentários que se podem prudentemente generalizar a uma série de centros históricos da região alentejana.

Uma dimensão a que podemos chamar sagrada -a jornada sagrada que o turismo representa para o turista - foi desenvolvida por Roland Dufour que estabeleceu uma tipologia dos mitos relacionados com o turismo. Nesse sentido, categorizou visões míticas incarnadas pelos turistas. Assim,

> "*Aphrodite ou le mythe du corps adorable; la Fortune ou l´esclavage du hasard, mais aussi de l´aventure; Minerve ou le mythe de l´éducation populaire permanente; Sishyphe ou le mythe du loisir impossible; Poséidon ou le mythe de la ruée vers l´eau; Eros ou le mythe du vital amour; Bacchus ou le mythe de la fête orgiaque*" (Lanquar 1985: 59)

Não devemos deixar de referir, à luz dos conhecimentos etnológicos actuais, uma outra dimensão do carácter sagrado que as sociedades da região mediterrânica atribuiam ao estranho.

> "*Segundo Julian Pitt-Rivers, o estranho radica o seu carácter perigoso, tal como o seu carácter sagrado, no facto de pertencer ao mundo extra-ordinário. Para se evitar o perigo que representa, ele deve ser socializado, integrado, transformado em convidado. Tal transformação e convite anulam a hostilidade e invertem uma situação potencialmente perigosa num cenário amigável... as leis da hospitalidade transportam o conflito a um nível onde se evitam as hostilidades*" (Ramos 1992a: 187).

Na Andaluzia, na Extremadura, no norte de África, no sul de Portugal, ou seja, na orla mediterrânica, a tradição exigia que todo o forasteiro fosse um convidado. Faz parte da tradição cultural da região em que vivemos estabelecer uma relação de reciprocidade entre anfitrião e hóspede, em que o primeiro honra o visitante: "o intercâmbio da honra supera o contraste das lealdades" (Pitt-Rivers 1970: 85). Daí à incorporação do estranho o caminho é muito curto; o fenómeno turístico dos dias de hoje é um acelerador de integração, um gerador de incorporações. Um veículo aculturador.

Apesar de os aspectos sócio-culturais do Turismo terem sido negligenciados, durante muito tempo, pelos cientistas sociais, os que trabalharam nesta área enfatizaram o impacto do turismo ocidental sobre as populações dos países do Terceiro Mundo. Mais recentemente, estudos europeus, norte americanos e japoneses, têm abordado o mesmo impacto nas populações dos países desenvolvidos. Assim,

> "*a maioria dos cientistas que escreve sobre esta matéria defende que os efeitos do turismo, em termos genéricos, têm sido negativos. Entre as mais importantes consequências negativas do turismo citam o declínio das tradições, o materialismo, o aumento das taxas de criminalidade, os conflitos sociais, a massificação, a deterioração ambiental e a dependência externa*" (Dogan 1989: 217).

Nesta linha de pensamento, considera-se que as tradições dos países anfitriões ficam enfraquecidas sob a influência do Turismo. Haulot aponta "a perda de autenticidade e identidade das culturas tradicionais", Goksan refere que

> "*sob o impacto do turismo de massas, a alimentação, o folclore, as cerimónias, os divertimentos, as instalações, etc., perdem a sua autenticidade e uma homogeneidade cultural desenvolve-se em todos os destinos turísticos no sentido da satisfação dos desejos estandartizados dos turistas*".

Bisilliat aponta

> "*o enfraquecimento da ajuda mútua e da cooperação baseadas nas normas tradicionais, o aumento dos conflitos intergeracionais e a destruição das relações íntimas, pessoais e amigáveis*" (Dogan 1989: 218).

Todavia, nem todos os autores estão de acordo com estas opiniões. Assim,

> "*Like all social activities, tourism may have both positive and negative consequences, but their respective levels depend on the number and the type of tourists, the level of institutionalization of tourism, and the socioeconomic and cultural conditions of the host society*" (Przeclawski 1978).

Desse modo, as reacções dos habitantes locais podem ser diversas, indo da aceitação eufórica à rejeição radical.

Por outro lado e apesar da importância do Turismo como instrumento cultural, não nos podemos alhear da natureza económica desta actividade. A melhoria da qualidade do serviço turístico, a

eficiência da prestação de tarefas, o carácter personalizado que muitos defendem no contacto com o visitante destinam-se justamente à obtenção de resultados económicos motivadores para a sustentabilidade da actividade em análise. Como qualquer outra iniciativa económica, a oferta turística visa o lucro, a rentabilidade, a produção de riqueza e a criação de postos de trabalho. Pensar de maneira diferente é utópico ou romântico, mesmo que se integre a actividade turística na área da pluriactividade. E a sustentabilidade não pode ser apenas uma bandeira panfletária; pelo contrário, em termos pragmáticos, uma actividade só é sustentável se a conseguimos legar aos nossos filhos sem impactos negativos na sociedade, na economia e no ambiente, de modo que eles também a possam legar aos nossos netos.

Convém recordar alguns princípios orientadores definidos em 1980, na Declaração de Manila sobre Turismo Mundial: "Os recursos turísticos de que dispõem os países são constituídos simultaneamente por territórios, bens e valores. Trata-se de recursos cujo emprego não pode abandonar-se a uma utilização incontrolada sem se correr o risco da sua degradação e destruição... A satisfação das necessidades turísticas não deve constituir uma ameaça para os interesses sociais e económicos das populações das regiões turísticas, para o meio ambiente, especialmente os recursos naturais, atracção essencial do turismo, nem para os lugares históricos e culturais. *Todos os recursos turísticos pertencem ao património da humanidade*. As comunidades nacionais e a comunidade internacional inteira devem envidar os esforços necessários para a sua preservação".

O Turismo tende sempre a ser de massas e, como tal, é um forte contributo para a morte das sociabilidades locais. A sangria demográfica e migratória do Alentejo, da Extremadura Espanhola e de outras regiões, a quebra das actividades ligadas ao sector primário, as crises económicas, a venda de habitações a proprietários não residentes, a nuclearização das famílias, o envelhecimento populacional, etc., são aspectos cumulativos do mesmo fenómeno de perda da coesão e identidades locais. Naturalmente que a continuidade sócio-cultural não é um processo de sentido único em que a tradição se opõe à mudança de modo linear. Ela é feita de *apports* de sinais contrários e assimiláveis.

Os industriais do turismo tendem a vender a tradição impregnada de história (re)inventada. Por outro lado, uma nova sociabilidade, a "turística", é

artificial, esquece o anfitrião, invade a sua privacidade, os seus espaços físicos e mentais, deteriora as relações de vizinhança e coloca os actores num palco de representação social, onde só o cenário não muda. A "poluição" sobre o meio social é acompanhada de poluição sobre o meio físico e ambiental.

A capacidade de carga dos destinos turísticos deve ser respeitada, de modo que a onda avassaladora do turismo massificado, desordenado e predador não exerça pressão sobre um território físico limitado e com os inconvenientes de uma sazonalidade delicada economicamente e indesejável.

Assistimos, nalguns casos, àquilo que Davydd Greenwood classifica como a mercantilização da cultura. Parafraseando este autor

> "*podemos dizer que não conhecemos nenhuma comunidade que possa viver sem os significados que a cultura pode fornecer; de facto, o turismo está forçar mudanças culturais sem precedentes sobre populações que sofrem os efeitos da desertificação, da industrialização e da urbanização. A perda de significado através da mercantilização da cultura é um problema tão sério como a desigual distribuição de riqueza que resulta do desenvolvimento turístico*" (Greenwood 1989: 172).

É um facto incontroverso que o turismo não poder ser eliminado como parte integrante da vida moderna. De facto, o turismo rural/cultural

> "*constitui uma vertente inovadora do fenómeno turístico em geral, uma interessante alternativa ao turismo de massas e surge associado, por um lado, à necessidade de diversificar a oferta turística para fazer face à competitividade externa e interna e, por outro lado, resulta de uma nova concepção de desenvolvimento regional e rural...*" (Baltazar 1994: 84).

O que há a fazer, na linha de pensamento defendida por Dogan (1991) é tentar maximizar os seus aspectos positivos e minimizar os seus efeitos perniciosos. Todavia, que resultados do turismo são positivos e quais são os negativos? O respectivo entendimento dependerá das características da sociedade anfitriã e do nível de desenvolvimento turístico atingido ou a atingir.

Vila Velha, por exemplo, a mesma Vila Velha que José Cutileiro (1977) estudou há mais de trinta anos é, neste momento, objecto de uma procura turística avassaladora, que não respeita a escala do território, as práticas da sociabilidade local, os limites estruturais de povoação medieval sobranceira ao Guadiana/Alqueva (cujas funções estratégicas e administrativas desapareceram), transformando a *polis* num centro ritual em vias de extinção. Face ao

desequilíbrio do fenómeno e aos malefícios anteriormente referidos, Vila Velha encontra-se na fronteira entre o equilíbrio e a queda.

À primeira vista, periferia e turismo são fenómenos diferentes, desarticulados e sem ligação. Puro engano. Os tecnocratas visionários de todos os centros (quer sejam nacionais ou regionais) advogam que o turismo é a melhor solução para as zonas periféricas. A febre do turismo rural/cultural continua em voga e o Alentejo continua a mudar.

Agora que a miragem da barragem de Alqueva surgiu finalmente no horizonte, há quem considere que um dos primeiros fins múltiplos do empreendimento é o turismo; para esses defensores, "o grande lago" serve às mil maravilhas: *surfs,* barcos, pranchas, canoas, aldeamentos, campos de golf ali ao lado, *bungalows*, relva, piqueniques e quejandos, é esse o pacote turístico que a imaginação panfletária de muitos tem para oferecer. Se a massificação turística ocorrer, assim irá a destruição da cultura e da identidade alentejanas... Aquilo a que podemos chamar a *timexização* ou *cocacolização* da cultura. Ou seja, o fim da diversidade.

Compete aos antropólogos e a outros especialistas em ciências sociais salvar o que é possível. De facto, o antropólogo, quando realiza trabalho de campo longe da sua comunidade é um "turista permanente", com a vantagem de superar a superficialidade e o carácter efémero do turista apressado. Integra-se na comunidade, envolve-se na vida quotidiana, participa activamente em todos os acontecimentos sociais possíveis, é eventualmente conivente na resolução dos problemas locais e mantém uma postura singular, porque é da terra sem o ser. Sem prejuízo de situações em que o antropólogo estuda a sua própria comunidade, grupo ou região, interdito arcaico que acabou por ser superado com estratégias metodológicas adequadas. Em qualquer circunstância, a maioria dos antropólogos são defensores das periferias, dos mais frágeis, dos que não têm voz, dos olvidados. Bem sei que há excepções: os que "vendem" o seu trabalho às polícias secretas, aos governos centrais e aos poderes instalados, à indústria, etc., etc. Mas continuam a ser uma minoria, suposta e desejavelmente isenta.

No que diz respeito ao turismo, os antropólogos acabaram por considerar, embora tardiamente, tal fenómeno e actividade como um facto social total, veículo de mudanças significativas e eventual processo de melhoria da vida de populações ditas "primitivas" e/ou rurais. Abordar culturalmente o turismo deixou de ser, felizmente, um interdito antropológico.

Referencias bibliográficas

Baltazar, Alda Vitória G. C. Alegre (1994): *Turismo no Campo Branco: Um factor de desenvolvimento local*, Beja: Universidade Moderna.

Boissevain, J. (1994): «Towards an Anthropology of European Communities?», in V. Goddard, Josep Lobera & C. Shore (edit.), *The Anthropology of Europe*, Oxford: Berg Publisher.

Delamont, S. (1995): *Appetites and Identities*, London: Loutledge.

Dogan, H. Z. (1991): "Forms of Adjustement. Sociocultural Impacts of Tourism", *Annals of Tourism Research* (vol. 16) 2: 216-236.

Greenwood, D. (1989): "Culture by the Pound: An Anthropological Perspective on Tourism as Cultural Commoditization" in Valene Smith (edit.) *Hosts and Guests, The Anthropology of Tourism*, Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

Lanquar. R. (1993): *Le Tourisme International*, Paris: PUF.

Lanquar, R. (1990): *Sociologie du Tourisme et des Voyages*, Paris: PUF.

Marcos Arévalo, J. (2010): "El Observador y lo Exótico Cotidiano: Unidades de Análisis y el Estudio de Nuestra Cambiante y Plural Realidad Sociocultural", in J. Marcos Arévalo, S. Rodríguez Becerra y E. Luque Baena (eds.), *NOS-OTROS: Miradas Antropológicas sobre la Diversidad***,** Mérida: Asamblea de Extremadura.

O' Neil, B. J. (1991): "A hospitalidade e o estranho: o enigma do antropólogo dentro da Europa", in Gomes de Araújo, H. (org.) *Portugal e a Europa, Identidade e Diversidade*, Porto: Edições ASA.

Pitt-Rivers, J. (1970): *Tres Ensayos de Antropología Estructural*, Barcelona: Anagrama.

Ramos, F. M. (1996): Relatório "*Turismo e Território: O Caso Particular de Monsaraz*", do Programa Estímulo das Ciências Sociais, da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica.

Ramos, F. M. (1995): "O Grande Lago Turístico", *Público*, 23 de Fevereiro.

Ramos, F. M. (1992a): *Os Proprietários da Sombra. Vila Velha Revisitada*, (tese de doutoramento), Évora: Universidade de Évora.

Ramos, F. M. (1992b): "O Turismo, a Economia e a Felicidade: Marvão e a Arqueologia do Desejo", *IBN MARUÀN* 2: 187-196.

Ramos, F. M. (l989): "Vila Velha, Cutileiro e o Efeito Rashomon", *Economia e Sociologia* 49: 81-87.

Smith, E. (1982): "The Process of Sociocultural Continuity", *Current Anthropology* (vol 23) 2: 127-142.
Smith, V. L. (ed.) 1989 (1977): *Hosts and Guests: The Antropology of Tourism*, Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

Biografía del autor

Francisco Martins Ramos é Professor Emérito da Universidade de Évora. Catedrático de Antropología aposentado, tem dedicado parte da sua actividade á investigaçao na região Alentejo (Portugal). Foi Presidente eleito do Departamento de Sociología (1997 / 2005) e Director dos Mestrados em Sociología e Turismo da Universidade de Évora (1996 / 2005 e 2007 / 2009), respectivamente). A sua tese de doutoramento (*Os Proprietários da Sombra – Vila Velha Revisitada*) corresponde ao reestudo da comunidade rural de Vila Velha que já fora objecto de estudo do antropólogo José Cutileiro na obra *A Portuguese Rural Society (Ricos e Pobres no Alentejo)*. O autor tem textos publicados em Espanha, França, Índia, Itália e Estados Unidos. Dentre as suas obras, merecem destaque os seguintes livros: *Textos Antropológicos* (1996), *Os Proprietários da Sombra* (1997 e 2007), *Etnografía Geral Portuguesa* (2004), *Breviário Alentejano* (2006) e *Vinho do Alentejo – Temas Culturais* (2010).

Recibido: 20 de Septiembre de 2010.
Aceptado:12 de Noviembre de 2010.